

A busca pelo selo “universidade classe do mundo” e os *rankings* acadêmicos globais pioneiros

The search for ‘world class university’ label and pioneer global academic rankings

Rosilene Carla Vieira¹

Manolita Correia Lima²

Submetido em 26 de fevereiro e aprovado em 3 de abril de 2016.

Resumo: O artigo consolida os resultados de uma pesquisa de caráter qualitativo, que combina recursos bibliográficos e documentais ao se comprometer a colaborar para uma discussão sobre as consequências da utilização dos *rankings* globais na busca pelo selo “universidade classe mundial”. Ao examinar o papel forjado pelos *rankings* globais pioneiros – *Academic Ranking of World Universities (ARWU)* e *Times Higher Education Quacquarelli Symonds World University Rankings – The Top 200 World Universities (THE/QS)* – na concessão do selo “classe do mundo ou mundial” à determinada universidade, as pesquisadoras exploram os recursos abertos pela teoria institucional. Os dados revelam que a determinação de conquistar o selo “universidade classe mundial” tem contribuído para valorizar métodos de avaliação comparativos e imprimir um caráter estratégico à gestão acadêmica das universidades. Esse efeito colateral reforça o processo de internacionalização vigente e aproxima as instituições educacionais da lógica organizacional que regula as corporações. Em meio a um ambiente competitivo, o selo “classe do mundo ou mundial” contribui para legitimar a competitividade da universidade, favorecer a atração de estudantes internacionais (pagantes) e a captação de recursos financeiros capazes de promover um ciclo virtuoso pelo fortalecimento da pesquisa.

Palavras-chave: *Rankings* Acadêmicos Globais. Internacionalização da Educação Superior. Métodos Avaliatórios Comparativos.

Abstract: This article consolidates the results of a qualitative research,

matching bibliographic and documentary resources in order to collaborate on the discussion concerning the consequences of the grant of ‘world class university’ label given to the ranked universities. In doing so, we opt by institutionalist theory to guide our analysis about this role forged by the pioneer global academic rankings – Academic Ranking of World Universities (ARWU) and Times Higher Education Quacquarelli Symonds World University Rankings – The Top 200 World Universities (THE-QS). The data reveals that the great focus on granting ‘world class university’ label has contributed to enhance comparative evaluative methods and underpinned strategically academic management on campuses. This reinforces the current internationalization process and approaches the educational institutions to the organizational logic which regulates corporations. In a competitive environment, the ‘world class or global’ label contributes to legitimize the university competitiveness, favouring the attraction of (paying) international students and financial resources enable to promote a virtuous cycle by strengthening the research.

Keywords: Academic Global Rankings. The internationalization of Higher Education. Comparative Evaluative Methods.

Introdução

No século XXI foram criados os dois primeiros *rankings* acadêmicos globais. Em 2003, a Universidade Jiao Tong, de Xangai, desenvolveu o *Academic Ranking of World Universities – ARWU*, popularmente nomeado de *ranking* de Xangai. Um ano depois (2004) é criado o *Times Higher Education Quacquarelli Symonds World University Rankings – The Top 200 World Universities – THE/QS*, pela empresa TSL Education Ltd. (revista *Times Higher Education – THE*), em parceria com a *QS Quacquarelli Symonds Ltd.*, sendo esta última responsável pela coleta dos dados. A publicação anual dos resultados dos referidos *rankings* ocorre entre os meses de agosto/setembro (ARWU) e em outubro/novembro o (THE/QS)³ e é aberta à consulta pública por meio da *web*.

O contexto que favorece o surgimento dos referidos *rankings* pode ser associado à expansão das fronteiras em consequência da globalização da sociedade e da economia manifestada de várias formas, dentre elas: mudanças no cenário econômico global e a repercussão sobre a internacionalização do ensino superior, particularmente com o desenvolvimento das economias emergentes e a elevação da demanda por quadros qualificados. Além disso, observa-se crescente competição por acadêmicos internacionais (estudantes, professores e pesquisadores) e flagrante crescimento da oferta de cursos e programas no exterior (DE WITT, 2013).

O contexto antes descrito eleva a notória visibilidade dos dois *rankings* acadêmicos globais pioneiros. Presentemente, eles integram a agenda de discussão em fóruns acadêmicos e não acadêmicos na medida em que permitem análises comparativas entre universidades, países e regiões, fortalecendo o ambiente competitivo que marca um sistema educacional internacionalizado. Os recursos metodológicos adotados, no que se refere à coleta de dados dá origem às classificações mundiais de universidades elegidas (DILL; SOO, 2005; HARFI; MATHIEU, 2006; BILLAUT et al., 2010; STAMELO, 2010; THÉRY, 2010). Tais resultados têm sido explorados por representantes do governo, organizações e instituições que ganham credibilidade e ampliam o seu raio de influência. Complementarmente, têm auxiliado pais e estudantes no momento da escolha por cursos e instituições de educação superior de maior prestígio na área de formação desejada.

Isto equivale a afirmar que, a partir do século XXI, com o surgimento dos *rankings* acadêmicos globais, seus resultados podem gerar resultados

positivos para as instituições de educação superior melhor classificadas, tanto no que se refere ao fluxo de estudantes internacionais, quanto na captação de fundos públicos (provenientes do Estado) e privados (provenientes de doações e de investimentos de acionistas). O texto de Hazelkorn (2011, p. 183) reforça essa ideia:

Os *rankings* globais têm promovido um grande debate sobre a contribuição do ensino superior para a competitividade global das nações. Instigando, especialmente em decorrência da crise financeira global, considerável discussão sobre o balanço entre valores sociais e requisitos em relação ao desenvolvimento do capital humano por meio de um ensino superior universal e da habilidade de uma nação para competir no mundo da ciência. [...] Os *rankings* sustentam os estímulos do governo sobre ser [o ensino] mais competitivo e sensível ao mercado e aos clientes, definindo uma missão distinta, sendo mais eficiente ou produtivo e tornando-se classe mundial.

Tendo-se em mente a expressão “tornando-se classe mundial”, anteriormente utilizada pela pesquisadora citada, a busca pela concessão desse título pode ainda ser explicada por meio de diversos argumentos, como, por exemplo, a ocorrência de um processo de internacionalização do setor educacional que envolve múltiplos interesses: econômicos, políticos e até acadêmicos) e distintos atores (agências multilaterais, governos, empresas, universidades, etc. (LIMA; CONTEL, 2011). A discussão ganha centralidade quando se leva em conta que “a capacidade do ensino superior global cresça mais que 150% no primeiro triênio do século XXI” (HUDZIK, 2013, p. 52).

Já de acordo com a literatura institucionalista (SCOTT, 1995; 2008),

para que a competição seja instaurada é necessário que se imprimam “padrões de concorrência” produzidos por meio da interação entre as partes concorrentes (pares), como o preço, a pertinência dos cursos oferecidos, a qualidade da produção (pesquisa) e difusão do conhecimento (publicação), a qualidade do corpo discente e docente, a sofisticação das instalações, a diferenciação de produto, etc. No geral, esses fatores engendram “forças concorrenciais [que] refletem as características estruturais do mercado e as condutas das organizações que nele atuam” (MACHADO DA SILVA; FONSECA, 1996, p. 101). Por essas e por outras razões, os *rankings* acadêmicos globais pioneiros “são percebidos e utilizados para determinar o *status* de (universidades) individuais, avaliar a qualidade e o desempenho do sistema de ensino superior e mensurar a competitividade global” (HAZELKORN, 2011, p. 4).

Em decorrência do até aqui afirmado, convém questionar o que a utilização dos *rankings* globais revela quando se leva em conta a busca pelo selo “universidade classe mundial”? Frente aos desafios de discutir essa questão, o artigo está estruturado da seguinte forma: introdução; descrição dos recursos metodológicos; os motivos que justificam a emergência dos *rankings* globais pioneiros e um breve histórico de seus dirigentes; uma análise acerca do lugar dos *rankings* no processo de transformação das universidades, elucidando mais o rumo do processo de internacionalização da educação superior; e, por fim, são tecidas as considerações finais.

Cabe esclarecer que, por mais que o texto em tela não aprofunde particularidades das universidades brasileiras e canadenses, a discussão proposta evidencia que os *rankings* acadêmicos globais atingem o sistema de educação superior mundial, com diferentes intensidades. Portanto, os

resultados aqui consolidados reúnem contribuições subjacentes à temática que versa sobre a internacionalização da educação superior.

Aspectos metodológicos

Para fundamentar as discussões desenvolvidas no texto, fez-se uso da abordagem qualitativa na medida em que se explorou recursos da pesquisa bibliográfica associada à pesquisa documental. No que se refere à pesquisa bibliográfica, levou-se em conta a localização e leitura de artigos acadêmicos e livros cujos conteúdos discorrem sobre a internacionalização do ensino superior, avaliação e *rankings* internacionais pioneiros. Além disso, os autores consultados colaboraram para a escolha do institucionalismo como arcabouço teórico adotado (DIMAGGIO; POWELL, 1983; KOSTOVA; ZAHEER, 1999; MACHADO DA SILVA; FONSECA, 1996; 1999; 2000 e 2002; SCOTT, 1995; 2003; 2008; PENG, 2009; MACHADO DA SILVA; ROSSONI, 2010). As pesquisadoras também exploraram relatórios de pesquisas concluídas, particularmente teses e dissertações, uma vez que o contato com esse tipo de material ajuda não apenas na coleta, mas também na seleção, organização e interpretação dos dados. Em outras palavras, “pesquisadores que descuidam deste aspecto [pesquisa bibliográfica] estão perdendo oportunidade de centrar seus esforços em problemas realmente significativos no seu campo” (GODOY, 2006, p. 132).

No que diz respeito à pesquisa documental, foram realizadas consultas tanto aos materiais disponíveis em sítios sobre os *rankings* acadêmicos globais, bem como informações contidas nos sítios oficiais dos *rankings* globais pioneiros e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pesquisa essa que auxilia na compreensão do

tema proposto, pois, segundo Lima (2008, p. 56), “a pesquisa documental pressupõe o exame ou o reexame de materiais, que ainda não receberam qualquer tratamento analítico, no objetivo de fundamentar interpretações novas ou complementares sobre o que está sendo investigado”.

Cabe ainda esclarecer que o tratamento dos dados se dá por meio de análise de conteúdo qualitativa. Técnica de tratamento de dados que colabora para a sistematização e o aprofundamento de “temas únicos que ilustram a variedade de significados de um fenômeno [...]”. (ZHANG; WILDEMUTH, 2009, p. 308). É considerada uma técnica de tratamento de dados que permite se compreender determinado fenômeno e suas especificidades por meio das mensagens contidas. Ressalta-se que “o interesse não está na descrição dos conteúdos, mas sim no que estes poderão ensinar após serem tratados” (BARDIN, 2011, p. 44). Isso permitirá a inferência de conhecimentos relativos às mensagens, como no caso desse estudo.

O surgimento dos *rankings* acadêmicos globais e seus dirigentes

A dimensão atribuída à importância aos *rankings* acadêmicos globais para a concessão de título de universidade classe do mundo, remete, na contemporaneidade, a um estado aparentemente nítido de competição vivenciado pelas universidades com adoção de metodologias avaliatórias comparativas. Nesse caso, por meio da avaliação e mensuração, é possível traçar comparações. De acordo com Hudzik (2013, p. 49):

[...] as metodologias comparativas são fundamentais para a investigação; elas identificam as semelhanças e diferenças entre as entidades e procuram explicar as causas. A metodologia comparativa é crucial para a construção de compreensão intercultural, ampliação da

valorização da diversidade e construção da compreensão mútua e colaborações. As metodologias “comparativas” oferecem meios de olhar não só por meio das fronteiras em unidades bilaterais e multilaterais, mas em termos globais.

Essa prática, portanto, permite detectar formas de concorrência entre organizações de um mesmo setor, bem como potencializa a definição de estratégias, como, por exemplo, a formulação de políticas públicas por parte do governo. Por essa e por outras razões, os *rankings* acadêmicos globais pioneiros, ou melhor, a classificação desses instrumentos permite “fragmentar, decompor um grande grupo em unidades menores” (DEMO, 1999 *apud* LIMA, 2002, p. 99), viabilizando um panorama segmentado da realidade.

Caberia aprofundar a análise do fato que levou à necessidade de classificar e medir o desempenho das universidades em âmbito internacional. Invocando Santos (1999, p. 202), chama-se a atenção para a década de 1970, que antecede à abertura de mercado, na qual

[...] o consenso sobre a relação entre o declínio da produtividade e a desaceleração da mudança tecnológica coloca no centro da saída da crise a questão da velocidade e eficiência com que se pode traduzir o conhecimento científico em produtos e processos úteis e, conseqüentemente, no centro da questão, a universidade e a investigação científica que nela tem lugar.

O sistema econômico passa a valorizar o conhecimento como fator de geração da inovação e a universidade ganha mais evidência. O que, como pode ser constatado, amplia-se, cada vez mais, com a globalização. No caso da China, com a abertura e modernização do mercado chinês decorrente de uma sucessão de fatos que vão, desde a revolução cultural de

1966-69, a morte do ditador Mao (em 1976), até a posse (em 1978) do líder comunista, modernista e reformista Deng Xiaoping. Em junho de 2003, a primeira lista classificatória de universidades com cobertura mundial é lançada: o *Academic Ranking of World Universities – ARWU*, produzida pela Universidade Jiao Tong de Xangai. Percebe-se que “as estratégias, [como, por exemplo, a criação do ARWU] são frutos de interação entre agentes internos e externos, envolvidos por circunstâncias econômicas, sociais e históricas específicas” (MACHADO DA SILVA; FONSECA, 2002, p. 107). Por conseguinte, observa-se que a criação desse *ranking* reflete a busca do país por modernização, desde o final da década de 70, já que o *ranking* ARWU é viabilizado por meio de um:

[...] pedido do governo chinês ao *Institute of Higher Education* da Universidade Jiao Tong de Xangai [recentemente rebatizada de *Shanghai Graduate School of Education - GSE*] para mensurar a diferença entre as universidades chinesas e as conceituadas universidades estrangeiras e identificar, dessa maneira, as universidades para o envio de alunos chineses [bolsistas]. (THÉRY, 2009, p. 03).

Nas palavras de Nian Cai Liu (2009), diretor do *Center for World-class Universities – CWCU*, presidente da *Graduate School of Education* da Universidade Jiao Tong de Xangai e que, juntamente com professor Ying Cheng, dirige um pequeno grupo de profissionais vinculados ao instituto responsável pela elaboração do *ranking* ARWU: “[...] começamos a trabalhar na classificação das universidades em 1998, devido ao estímulo dado pelo governo chinês, o projeto 985”. Os referidos professores reforçam o fato de “não haver renumeração para realizar a classificação e que o fazem por interesses estritamente acadêmicos” (BILLAUT et all,

2010, p. 3). Chama-se a atenção para o fato de “[...] o *ranking* de Xangai [ARWU] corresponder, em primeiro lugar, a uma meta nacional para, em 2020, a China dispor de universidades de reputação mundial e de uma política de ensino superior mais arrojada, particularmente, referente à alocação de recursos [programas de bolsa]” (LIU; CHENG, 2005 *apud* HARFI; MATHIEU, 2006, p. 102).

Se na origem o *ranking* ARWU objetivava atender ao pedido do governo chinês, no presente, com a globalização, seus resultados atingem pais, estudantes, pesquisadores, lideranças acadêmicas, agências nacionais (ex.: CAPES e CNPq), regionais (ex.: Consórcio de universidades canadenses – CALDO; Departamento do Canadá para Educação Internacional – *Canadian Bureau of International Education (CBIE)* e Associação de Universidade Europeia – *The European University of Education*); ou internacionais e multilaterais (ex.: UNESCO, OCDE e BM)⁴. A adoção de práticas isomórficas tem norteado as ações governamentais antecipando a previsão de expansão do público. Nesse contexto, pressionadas por forças exógenas, instituições e organizações adotam práticas consideradas de “inferência de caráter mimético/cognitivo” (DIMAGGIO; POWELL, 1983; KOSTOVA; ZAHEER, 1999; SCOTT, 1995, 2008; PENG, 2009), a exemplo dos indicadores de classificação acadêmica global – ARWU e THE/QS.

Levando em conta a tendência de o setor de educação superior se internacionalizar, particularmente com a adoção de políticas de atração de estudantes internacionais pagantes, há uma crescente valorização das classificações de alcance mundial, uma vez que elas apontam quais são e onde estão localizadas as “universidades-classe do mundo”. Para tanto,

no ano subsequente à publicação ARWU (2004), a empresa londrina *TSL Education Ltd.*, em parceria com a *QS Ltd.* inaugura o segundo *ranking* global – *Times Higher Education Quacquarelli Symonds World University Rankings: The Top 200 World Universities – THE/QS*. Ainda cabe salientar que o jornal *The Times* não possui qualquer ligação com o *ranking* THE/QS, embora muitos pensem que seja o jornal londrino a instituição responsável pela publicação do referido *ranking*.

Sublinha-se que o segundo *ranking* global não possui vínculo direto com o meio acadêmico, tampouco os responsáveis pela edição do THE/QS foram ou são dirigentes, pesquisadores nem professores universitários. Os responsáveis pelas três primeiras edições do THE/QS foram John O’Leary e Martin Ince. O primeiro se graduou na Universidade de Sheffield e atuou por oito anos como editor da seção de Educação do *The Times*. É responsável, também, pela edição do guia intitulado *The Times Good University Guide*, um *ranking* destinado às universidades britânicas e publicado anualmente, desde 1993. O segundo era o responsável pela produção do THE/QS, além de jornalista, conselheiro de mídia para diversos assuntos de pesquisa britânica e autor de livros sobre ciência e educação (*Assessing Quality*, 2005). Em 2007, ambos deixaram a revista *Times Higher Education (THE)*, ou seja, a empresa *TSL Education Ltd.*, para formar a parceira *QS Quacquarelli Symonds Ltd.*, responsável pela coleta de dados que resulta no *ranking* THE/QS.

O atual editor-chefe do *ranking* e editor adjunto da revista *Times Higher Education-THE*, Phil Baty, é jornalista e detentor de vários prêmios no segmento jornalístico, como descrito no sítio da *Times Higher Education – THE*⁵. Já o diretor-fundador da QS, Nunzio Quacquarelli,

possui dois MBAs (*Master of Business Administration*), um pela *Wharton School*, vinculado à Universidade da Pensilvânia (Estados Unidos) e outro pela universidade britânica de Cambridge. Na *Wharton School* liderou um grupo que ganhou o Prêmio *Moot Corp Business*, em 1990, uma competição entre equipes de escolas americanas e europeias, *tops*. Além de dirigir a própria empresa, há 15 anos, Nunzio escreve regularmente para *The Times* sobre gestão de educação e carreira. Também contribui para outras importantes mídias no mundo como *The Guardian* (Reino Unido), *Handelsblatt* (Alemanha), *Financial Times*, entre outros.

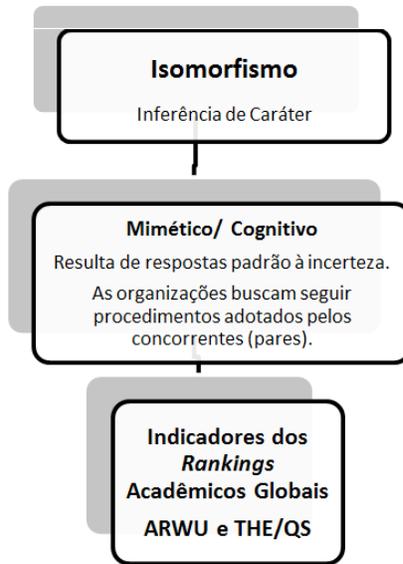
Sem apontar nenhuma vivência na área de docência, pesquisa, tampouco acumular experiência no meio acadêmico, a breve descrição do perfil dos responsáveis pelo segundo *ranking* global fornece pistas acerca da utilização dos “*rankings* globais” na condução do ensino superior. Ou seja, fortalece a instalação de uma cultura fortemente associada à competitividade e à lucratividade no ambiente acadêmico, reforçando o capitalismo acadêmico, ideia explicitamente reforçada na introdução-padrão das edições do *ranking* THE/QS de 2004 a 2009, respectivamente, disponível em sua página da internet:

Eles (os *rankings* editados) são regularmente utilizados por alunos de nível de graduação ou pós-graduação para auxiliar na escolha de cursos, por acadêmicos para tomar decisões de carreira, pela equipe de pesquisadores para identificar novos parceiros colaborativos e pelos dirigentes da universidade para aferir seus desempenhos e traçar prioridades estratégicas.

A internacionalização do ensino superior, por sua vez, parece, mais uma vez, apoiar-se em práticas miméticas/cognitivas no estabelecimento de

algum objetivo. As universidades desejam ser bem classificadas nos primeiros *rankings* acadêmicos globais, dessa forma, podem explorar a conquista de um título internacional – classe do mundo – e afirmarem a sua superioridade nacional e internacional, ampliarem a competitividade e a ampliação de seu mercado. A figura 1 resume a magnitude da prática isomórfica descrita.

Figura 1 - Síntese da prática isomórfica mimética/cognitiva



Fonte: Elaborada pelas autoras com base nas contribuições de teóricos institucionalistas (DIMAGGIO; POWELL, 1983; SCOTT, 1995, 2008; MACHADO DA SILVA; FONSECA, 1996; KOSTOVA; ZAHEER, 1999, PENG, 2009; MACHADO DA SILVA; ROSSONI, 2010).

O lugar dos *rankings* no processo de transformação das universidades

Desse modo, na contemporaneidade, atendo-se ao regime em vigor (o capitalismo), com marcante influência estadunidense e inglesa, suscitam-se algumas percepções reveladoras sobre o reforço de uma das concepções de universidade, propostas por Drèze e Debelle (1968): uma educação superior

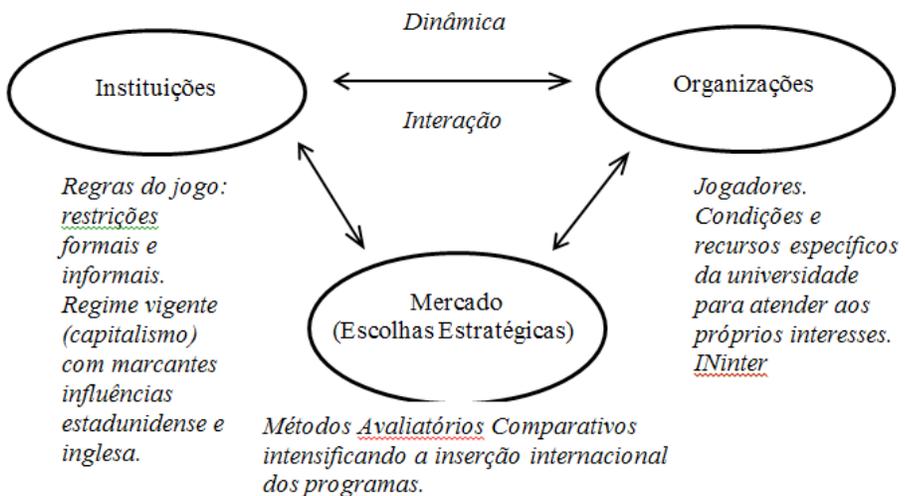
de caráter técnico visando ao progresso. Ou seja, em busca expressivamente de “[...] descoberta em laboratório que se prolongará em uma invenção técnica cuja aplicação constituirá [...] uma inovação industrial” (DRÈZE; DEBELLE, 1968, p. 73). Posteriormente, Wolff (1993, p. 35) expressa essa concepção de universidade “como um campo de treinamento para as profissões liberais”. Isso sinaliza que a universidade, assim como qualquer outra instituição social, está em permanente interação com o ambiente. Em sua dinâmica de funcionamento, as universidades buscam se adequar às demandas que recaem sobre ela, as novas regras de como fazer e agir atendendo às demandas econômicas, configurando-se, cada vez mais, como uma organização (SCOTT, 1995, 2008; MACHADO DA SILVA; ROSSONI, 2010).

Scott (2008) reitera, sucintamente, que as organizações são coletividades orientadas para a busca de metas relativamente específicas e que apresentam estruturas sociais formalizadas relativamente sólidas. Isso pode levar à percepção de que, ao criarem as organizações, como a universidade, “os indivíduos agem em conformidade com os seus interesses – em vez de humildemente submeter-se às restrições da estrutura social” (Scott, 1995, p. 24). Assim sendo, dentre as tentativas visualizadas pela universidade de responder às novas restrições – especificamente de cunho mercadológico – farão uso de instrumentos de avaliação. Dentre eles, os que se centram em avaliar a inserção internacional por meio dos posicionamentos conferidos aos *rankings* acadêmicos globais.

Diante do exposto, observa-se que as listas classificatórias globais pioneiras vão conquistando espaço e importância como um parâmetro entre os governos nacionais, internacionais e organismos multilaterais intergovernamentais para também legitimar políticas relacionadas à

mobilidade acadêmica internacional. No entender de Dale (2004, p. 441), “todos os quadros regulatórios nacionais são agora, em maior ou menor medida, moldados e delimitados por forças supranacionais [...]”. A figura 2 ilustra a contribuição da teoria institucionalista na compreensão da transformação da universidade como estratégia de sobrevivência.

Figura 2 – Instituições, organizações e mercado



Fonte: Figura adaptada de Peng (2009, p. 67) pelas autoras.

Em razão das afirmações precedentes, a título de ilustração, o relatório do seminário de acompanhamento dos programas acadêmicos da área de Administração, Ciências Contábeis e Turismo, divulgado em novembro de 2012 pela CAPES⁶, entre outros aspectos, sintetiza o resultado de um questionário com questões abertas relacionadas à inserção internacional, aos impactos nacional e regional dos programas, e a como a área poderia promover ações que melhorassem o ensino fundamental, o ensino médio, e

a formação de professores. Dentre tais temas, as três questões mais citadas pela comunidade acadêmica estavam ligadas à inserção internacional de instituições, cursos e programas, sendo essas:

1. Intercâmbio de alunos e professores com instituições internacionais, contabilizando 60 citações. No relatório é frisado que “alguns (acadêmicos) sugeriram que deveria ter um *ranking* das universidades no exterior para que o intercâmbio fosse ponderado pela relevância da IES [Instituição de Ensino Superior] parceira” (p. 3)⁷.
2. Publicação Internacional, com 28 citações. É salientado, no relatório, que “considerando o crescimento anual da qualidade dos periódicos que tem recebido produção de professores da área [...] o fator de impacto mínimo que definirá o limite mínimo do estrato A1 deverá dobrar novamente” (p. 1 e 3).
3. Receber/enviar professores, com um total de 27 citações (p. 3).

Aspectos reveladores, quando se leva em conta que “a organização acadêmica [comunidade acadêmica] nada mais é que grupos de interesse” (CLARK, 1983, p. 10). Assestando os binóculos do Estado, no presente, para as exigências de um processo de internacionalização do ensino superior pautado por restrições impostas pelo ambiente competitivo, ambiente esse que leva a universidade a explorar a internacionalização do ensino superior como uma dimensão estratégica e isso requer reconhecimento internacional.

Hunter (2013, p. 63) adverte que “as universidades competem não só por receita proveniente da mensalidade de estudantes ou fundos para pesquisa, porém cada vez mais por prestígio”, uma vez que o segundo configura-se

a garantia da primeira. Para tanto, estudiosos têm definido a legitimidade organizacional “como a aceitação da organização – seu ambiente – vital para a sobrevivência organizacional e o sucesso” (KOSTOVA; ZAHEER, 1999, p. 64). A aceitação proporcionada pelo ambiente, entre outros fatores, faz-se a partir de estruturas cognitivas que podem auxiliar na construção do entendimento e interpretação sobre a organização, sua atuação e produto(s). Dessa forma, os *rankings* acadêmicos globais configuram um instrumento para contribuir com essa construção.

Em síntese, quanto mais o mercado se expande, mais emerge, por assim dizer, a necessidade de segmentar o cenário por meio de mecanismos de classificação, como o sugerido pela comunidade acadêmica – *rankings* acadêmicos globais –, na busca do selo “universidade classe-mundial”.

Considerações finais

Ao longo deste estudo, pelo surgimento e pela crescente utilização dos *rankings* acadêmicos globais na busca pelo selo “universidade classe mundial”, revela-se o emprego de métodos avaliatórios comparativos (HUDZIK, 2013) como principal ferramenta de gestão na adoção de estratégias voltadas ao fluxo de estudantes internacionais, aos recursos para os fundos de pesquisa, entre outros. Ainda, como um segundo ponto a destacar, a prevalência das listas classificatórias acadêmicas globais – ARWU e THE/QS – que suscitam a incorporação de significados externos de nível macro nas tomadas de ação estratégica de nível micro no processo interno de conduta das universidades.

Por fim, configurando um terceiro item constituinte do processo analisado, destaca-se que a abordagem institucionalista (SCOTT, 2008;

MACHADO DA SILVA; ROSSONI, 2010) permite ir além de uma simples concepção de ajustamento entre necessidades organizacionais e pressões ambientais para uma de legitimidade ao encarar a organização (a universidade, neste caso) “como socialmente imersa no contexto ambiental (*embeddedness*)” (MACHADO DA SILVA; FONSECA, 2002). Logo, em um contexto internacional, universidades brasileiras e canadenses, por exemplo, podem não ser as mais notáveis pelo posicionamento obtido nos *rankings* acadêmicos globais, considerando o raqueamento das 20 melhores universidades do mundo. Contudo, a concessão de selo classe mundial beneficia a legitimidade dessas universidades, favorecendo, em princípio, a alocação dos recursos que necessitam, seja interna ou externamente.

Referências

- BARDIN, Lawrence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BILLAUT, Jean Charles; BOUYSSOU, Denis; VINCKE, Philippe. Faut-il croire le classement de Shanghai? *Revue de la régulation (En ligne)*, n. 8, 2010, 2o semestre. Disponível em <http://regulation.revues.org/index9016.html> DOI: en cours d'attribution. Acesso em abril de 2012.
- CLARK, Burton R. *The higher education system: academic organization in cross-national perspective*. California: University of California Press, 1983.
- DALE, Roger. Globalização e educação: demonstrando a existência de uma “cultura educacional mundial comum” ou localizando uma “agenda globalmente estruturada para a educação? *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 87, p. 423-460, 2004, maio/agosto. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em março de 2013.
- DE WITT, Hans (Org.). Internationalisation of higher education, an introduction on the why, how and what. In: An introduction to higher education internationalization. *Centre for Higher Education Internationalisation (CHEI)*, Università Cattolica del Sacro Cuore,

Milan, Italy, 2013.

DILL, David; SOO, Maarja. Academic quality, league tables, and public policy: A cross-national analysis of university ranking systems. *Higher Education*, 49: 495-533, 2005. DOI 10.1007/s10734-004-1746-8.

DIMAGGIO, Paul. J.; POWELL, Walter. The iron cage revisited: institutional isomorphism and collective rationality in organizational fields. *American Sociological Review*, v. 48, p.147-160, April, 1983.

DRÈZE, Jacques; DEBELLE, Jean. *Conceptions de l'université*. Paris: Éditions Universitaires, 1968.

GODOY, Arilda Schmidt. Estudo de caso qualitativo. In: GODOI, Christiane Kleinubing; BANDEIRA-DE-MELLO, Rodrigo; BARBOSA DA SILVA, Anielson. *Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais*. São Paulo: Saraiva, 2006.

HARFI, Mohamed; MATHIEU, Claude. Classement de Shanghai et image internationales des universités: quels enjeux pour la France? *Horizons stratégiques*, n. 2, p.100-115, 2006.

HAZELKORN, Ellen. *Rankings and The Reshaping of Higher Education: The battle for world-class excellence*. Palgrave Macmillan, 2011.

HUDZIK, John K. Changing paradigm and practice for higher education internationalization. IN: DE WIT, Hans (Org.). An introduction to higher education internationalization. *Centre for Higher Education Internationalisation (CHEI)*, Università Cattolica del Sacro Cuore. Milan, Italy, 2013.

HUNTER, Fiona. Internationalization and institutional responsiveness: harnessing the power of imagination. In: DE WIT, Hans (Org.). An introduction to higher education internationalization. *Centre for Higher Education Internationalisation (CHEI)*, Università Cattolica del Sacro Cuore. Milan, Italy, 2013.

KOSTOVA, Tatiana; ZAHEER, Srilata. Organizational Legitimacy under conditions of complexity: the case of the multinational enterprise. *Academy of Management Review*, v. 24, n. 1, p. 64-81, janeiro 1999.

LIMA, Manolita Correia; CONTEL, Fabio Bettioli. *Internacionalização*

da Educação Superior: nações ativas, nações passivas e a geopolítica do conhecimento. São Paulo: Alameda, 2011.

LIMA, Manolita Correia. *A ideia da universidade subjacente aos programas de avaliação.* 249 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2002.

LIMA, Manolita Correia. *Monografia: a engenharia da produção acadêmica.* 2. ed. rev. e atualizada, São Paulo: Saraiva, 2008.

MACHADO DA SILVA, Clovis. L.; FONSECA, Valéria. Competitividade organizacional: uma tentativa de reconstrução analítica. *Organizações & Sociedade*, p. 937-114, dezembro 1996.

MACHADO DA SILVA, Clovis. L.; FONSECA, Valéria. Conversação entre abordagens da estratégica em organizações: escolha estratégica, cognição e instituição. *Organizações & Sociedade*, v. 9, n. 25, p. 93-109, setembro/dezembro, 2002.

MACHADO DA SILVA, Clovis. L.; ROSSONI, Luciano. Institucionalismo Organizacional e Práticas de Governança Corporativa. *RAC*, Curitiba, Edição Especial, art. 7, p. 173-198, 2010.

PENG, Mike; LI SUN, Sunny; PINKHAN, Brian; CHEN, Hao. The institution-based view as a third leg for a strategy tripod. *Academy of Management Perspectives*, 23(4): 63-81 (2). 2009.

RELATÓRIO do seminário de acompanhamento dos programas acadêmicos da área de Administração, Ciências Contábeis e Turismo. Disponível em http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/Relatorio_sem_acomp_adm_ac.pdf. Acesso em outubro de 2014.

SANTOS, Boaventura de Souza. Da ideia de universidade à universidade de idéias. In:

SANTOS, Boaventura de Souza (Org.). *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade.* São Paulo: Cortez, 1999.

SCOTT, W. Richard. *Institutions and Organizations.* Sage Publications. International Educational and Professional Publisher. Thousand Oaks: London. New Delhi, 1995.

SCOTT, W. Richard. Approaching adulthood: The maturing of

institutional theory. *Theory and Society*, 37, p. 427-442, 2008.

SLAUGHTER, Sheila; RHOADES, Gary. *Academic capitalism and the new economy: markets, state, and higher education*. Baltimore, MD: John Hopkins University Press, 2004.

STAMELO, Yorgos. *De l'esprit critique au ranking universitaire: pièces d'un puzzle*. Paris, (à paraître), 2010.

THÉRY, Hervés. Classificações de universidades mundiais, “Xangai” e outras. *Estudos Avançados* 24 (70), 2010.

WOLFF, Robert Paul. *O Ideal da Universidade*. Tradução de Sonia Veasey Rodrigues, Maria Cecília Pires Barbosa Lima. São Paulo: Editora Universidade Estadual de São Paulo, 1993.

ZHANG, Yan; WILDEMUTH, Barbara. M. Qualitative analysis of content. In: B. Wildemuth (Ed.). *Applications of Social Research Methods to Questions in Information and Library Science*, p. 308-319, Westport, CT: Libraries Unlimited. 2009.

Notas

- ¹ Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM, São Paulo, SP. Pesquisadora do grupo de pesquisa Mobilidades: A vivência acadêmica internacional, financiado pela CNPq. vieira_rosi2@hotmail.com.
- ² Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM, São Paulo, SP. mclima@espm.br.
- ³ A parceria entre a empresa londrina Times Higher Education e a QS Ltd. se desfez em 2010, originando dois novos rankings: Times Higher/Thomson Reuters World University Ranking pelas empresas Times Higher Education (inglesa) e Thomson Reuters que classifica as 400 melhores universidades em âmbito mundial; e, QS World University Rankings – Top Universities pela empresa QS Ltd. (inglesa) em parceria com US News e World Report Best Colleges – USNW, empresa responsável pelo ranqueamento das universidades americanas – mais amplo na medida em que elege mais de 700 melhores universidades em âmbito mundial.
- ⁴ As siglas em questão significam UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura), OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) e BM (Banco Mundial).
- ⁵ <http://www.timeshighereducation.co.uk/biography.asp?contact=12>
- ⁶ Informações coletadas do sítio da CAPES http://www.capes.gov.br/images/stories/download/avaliacao/Relatorio_sem_acomp_adm_ac.pdf. Acesso em outubro de 2014.
- ⁷ Sublinha-se que, por motivos muito próximos, a Universidade Jiao Tong de Xangai desenvolveu uma metodologia para subsidiar a elaboração do Ranking Acadêmico de

Universidades Mundiais, com uma lista classificatória das 500 melhores universidades do mundo.